

José Marcos Froehlich

Doutor em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Professor da Universidade Federal de Santa Maria — RS. jmfroe@smail.ufsm.br

Rosa Cristina Monteiro

Doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro — RJ. rosacris@ufrj.br

TRANSFORMAÇÕES SEMÂNTICAS RECENTES DO “TERMO RURAL”: UMA LEITURA A PARTIR DA PERSPECTIVA URBANA

RESUMO

Partindo de uma discussão sobre as alterações semióticas da relação rural/urbano, efetuou-se uma pesquisa de cunho empírico mediante entrevistas semi-dirigidas sobre as significações e os sentidos do termo ‘rural’ com indivíduos que constituem a população urbana do município de Santa Maria (RS), Brasil. A análise dos dados, através da ‘associação livre’, confirmou a expectativa teoricamente formulada da recorrência de uma forte articulação entre ‘rural’ e ‘natureza’. Este fato indica o surgimento de peculiares perspectivas para a configuração de novas ruralidades.

Palavras-chave: rural-urbano, natureza, novas ruralidades.

RECENT SEMANTIC TRANSFORMATIONS OF THE TERM RURAL: A VIEW FROM THE URBAN PERSPECTIVE

ABSTRACT

We started from a theoretical discussion about semiotic alterations in rural/urban relation. Afterward we did an empirical research about signification and meaning of the ‘rural’ term. The research technique utilized was semi-directed interviews among urban population from the municipality of Santa Maria (RS), Brazil. Data analysis validated the theoretical hypothesis about a strong and recurrent association between ‘rural’ and ‘nature’. These aspects introduce new analytical possibilities for the configuration of new ruralities.

Key-words: rural-urban, nature, new ruralities.

1. SÉCULO XXI — AS SOCIEDADES RURAIS EM PERSPECTIVA

A polarização rural x urbano correspondeu, ao longo do século XX, à construção de um sistema hierárquico e rígido, em que a definição de rural se distanciou de sua origem etimológica. Relacionada, de início, à qualidade ‘campestre’, o termo ‘rural’ passa a designar certo meio social caracterizado por atividades produtivas agropecuárias-florestais-mineradoras e por valores culturais a serem superados pela desejável urbanização das sociedades¹.

Dois fatores foram identificados como principais na constituição do mundo rural: a dispersão e a estagnação. Em contrapartida, a concentração e a mudança foram fa-

tores associados à vida urbana e que tinham sido considerados, no processo de ocupação dos territórios, como as polaridades positivas responsáveis pelo avanço das sociedades. A expressiva concentração e mudança, resultante do processo de urbanização vivenciado por parcelas crescentes da população mundial, não implicou, como era esperado, na elevação dos níveis da qualidade de vida. Pois, é justamente nas grandes metrópoles que a barbárie parece tornar mais visível o seu rosto neste início do século XXI. Nas grandes cidades, paradoxalmente, o exercício da cidadania torna-se quase impraticável. A manutenção dos sistemas energéticos, nos quais se baseiam os grandes avanços das tecnologias característicos

¹ A visão era de que a urbanização trazia consigo a modernização social e o rural era um meio tradicional, onde vicejavam relações e valores arcaicos e atrasados, obstáculos a se superar no caminho do progresso. Nesta ótica, o meio rural era visto como meio demasiado ‘natural’ que interessava ‘desnaturalizar’, mediante a crescente artificialização e domínio dos processos naturais (introdução de eletrificação, insumos químicos, mecanização, motorização etc.).

da vida altamente urbanizada, tem sua viabilidade questionada.

Uma consciência ‘planetária’ emergente aponta, como possibilidade desejável, a dispersão das atividades cuja concentração resultou na deterioração dos modos de vida considerados urbanos. Fato que evidencia a emergência de reconfigurações semióticas verbais e não-verbais, de modo que o termo ‘rural’ passa a resgatar o seu sentido original de ‘campestre’ e abranger um conjunto de práticas orientadas para exercícios de contato com a diversidade biológica e cultural, em condições de saúde e segurança — é a isto, agora, que se tem chamado qualidade de vida. A noção de ‘crise ambiental’ e as preocupações daí derivadas fazem ressurgir a problemática da natureza e remetem à ressignificação dos espaços ocupados, promovendo demandas pela multifuncionalidade do espaço rural, que se propõe como lugar de consumo, residência, lazer, turismo, esportes etc., além das tradicionais funções da produção agropecuária e alimentar.

Mormont (1996) aponta a importância das reivindicações ambientais como linguagem potencial para a reconsideração sociopolítica do rural, pois é em nome de concepções e avaliações tecno-científicas que se desenvolvem, hoje, conflitos e lutas em relação aos impactos das infraestruturas dos modelos agrícolas, da poluição ou dos projetos de utilização dos recursos naturais. A questão ambiental — para o espaço rural — confronta, assim, não somente usos diferentes (agrícolas, naturistas, turísticos etc.), mas também categorias de especialização científicas e técnicas capazes de fornecer representações de base para uma verdadeira gestão do espaço.

... o ambientalismo constitui para os espaços rurais um duplo registro no âmbito dos quais eles podem se reconstituir enquanto um patrimônio e um valor social para a sociedade global. É um patrimônio sociocultural (a título de paisagem, dos saberes...) mas é também um conjunto de recursos (como a água, a paisagem) que podem se constituir em objetos de negociação com as sociedades urbanas. A deslocalização dos modos de vida e a escassez dos recursos naturais podem assim constituir os temas que levarão a restaurar o rural como ‘valor indispensável’ ao futuro de nossas sociedades. O rural se apresentaria então como um modo pelo qual nossas sociedades pensam, através do espaço, a transformação de suas relações com a natureza. (p.175)

O contato e a busca da natureza, ancorados no desejo dos cidadãos em transformá-la em mais um bem de consumo², alteram as relações, o ritmo de vida e o próprio uso do espaço rural. Este anseio contemporâneo, embora se apresente e se realize de modo multiforme, parece, efetivamente, promover ou guiar-se por uma peculiar associação do ‘rural’ com a ‘natureza’; como no caso de algumas modalidades de esportes chamados radicais — montanhismo, *rappel*, canoísmo, *rafting* etc. (Froehlich, 2002), ou mesmo nos chamados esportes *country* (De Paula, 1999).

Contemporaneamente, ao lado da emergência do fenômeno de atração pelo meio rural como lugar de residência por ex-urbanos (aposentados ou não); ou como suporte para atividades de lazer e turismo — um lugar de recreação, não se pode ignorar a emergência de um outro rural, o ambiental propriamente dito. Ou seja, aquele constituído formalmente por espaços ou áreas protegidas, materializado nas criações de reservas naturais, parques naturais, reservas biológicas etc., que tem ocupado crescentes áreas do espaço rural (Jollivet, 1997; Froehlich, 2002). Considerando que os problemas ambientais possuem dimensões que concernem ao espaço rural, a gestão desse espaço supõe doravante o surgimento de preocupações ambientais. O modo de conceber o ambiente rural será diretamente influenciado pelo lugar ocupado pelo rural nas representações coletivas e pelo modo como ele existe nestas representações.

A reflexão teórica permite afirmar que a relação rural-natureza é o melhor tipo de relação para caracterizar o espaço semântico das representações que, neste início de século, contrastam com as que deterioraram, durante o século XX, o valor das sociedades rurais no imaginário coletivo das populações urbanizadas e internacionalizadas. Na seqüência deste texto apresentamos algumas considerações provenientes de uma busca de dados empíricos que visam abordar o problema da ressignificação do ‘rural’ em uma situação particular, demonstrando a emergência, ainda que embrionária, de novos sentidos na produção dos espaços sociais, com uma recuperação positiva da condição rural. Avaliamos, no conjunto dos dados, a vinculação do tema da natureza às representações sociais do rural, estimando a reprodução, no âmbito local, da articulação que repercute na esfera global com a argumentação anteriormente desenvolvida.

² Conforme Canclini (1995), devemos lembrar que ao se consumir também se pensa e se constrói os sentidos sociais, e os bens materiais e simbólicos consumidos são indicadores do processo de valoração e dotação destes sentidos.

Os dados empíricos coletados referem-se às práticas discursivas, tomando-as como um processo sociolinguístico do qual deriva um dado repertório ou constelação semântica. Através desse repertório ou constelação semântica os sujeitos descrevem, compreendem, lidam e, também, constroem a realidade social. Vale salientar que as práticas discursivas sustentam as práticas sociais, pois lhes doam sentido e implicam no uso de determinados repertórios semânticos e interpretativos, envolvendo linguagens, palavras, contextos e escolhas (Spink, 1999; Sá, 1993). Nossa enquête buscou, portanto, por meio da ‘livre associação’ e da linguagem em uso, mapear sentidos para o termo ‘rural’.

2. SIGNIFICAÇÕES DO RURAL — UMA ABORDAGEM EMPÍRICA

Realizamos uma enquête no município de Santa Maria, cidade da região central do estado do Rio Grande do Sul (RS), cuja população é de 243.392 mil habitantes (IBGE, 2000), os quais cerca de 95% residem na área urbana. Historicamente, o fato do município de Santa Maria ser o centro geográfico e geodésico do Rio Grande do Sul, foi muito importante. E, vale ressaltar, que ainda hoje é considerado um ponto estratégico, seja militar, geopolítico ou socioeconômico.

Procedemos a um levantamento envolvendo 100 habitantes de ambos os sexos das áreas urbanas do município de Santa Maria. Este total de pessoas corresponde a quatro grupos amostrais³: 25 alunos do terceiro ano do ensino médio noturno de um colégio público (Escola Estadual Cilon Rosa); 25 alunos do terceiro ano do ensino médio de um colégio particular diurno (Colégio Centenário); 25 integrantes de um grupo de Terceira Idade (Mexe-Coração) e mais 25 pessoas escolhidas aleatoriamente entre os visitantes de uma Feira Agropecuária (Expo-Feira de Santa Maria).

Aplicamos um questionário em que, inicialmente, foi solicitada a cada sujeito a indicação de três palavras que para cada um deles estão associadas à idéia de meio rural⁴. Sendo assim, havia uma possibilidade, logicamente estabelecida, de que o termo ‘rural’ pudesse ser associado

a até 300 termos diferentes, sem que houvesse a repetição de expressões ou palavras. No entanto, um levantamento das respostas emitidas neste caso — e que passou a constituir o que denominamos de ‘universo de associação semântica’ do termo rural — apresentou somente 84 palavras diferentes.

Apresentamos a seguir o conjunto de termos ou palavras, contadas sem repetição, a que o termo ‘rural’ foi associado. No quadro a seguir dispomos os termos em uma seqüência alfabética, desconsiderando a freqüência de aparecimento de cada um deles, no referido questionário.

Quadro 1

Conjunto de termos associados ao termo ‘rural’

Açudes; abandono; agricultura; alegria; alimentação saudável; amanhecer; amizade; animais; anoitecer; ar puro; árvores; auto-suficiência; cachoeiras; calma; campo; casa; cavalos; chato; colheita; concentração de terras; conservadorismo; continuidade; criação; descanso; descaço; desconforto; desemprego; desestímulo; desinformação; desinteresse; dificuldades; distância; divertimento; expansão; família; futebol; gado; galinhas; imensidão; importância; interior; isolamento; lavoura; lazer; liberdade; longe; mato; monotonia; morros; mosquitos; natureza; necessidade; ovelhas; paz; pássaros; pinhão assado; plantações; pobreza; potencialidades; privacidade; produção; qualidade de vida; renda; respeito; responsabilidade; rios; sacrifício; saúde; segurança; silêncio; sofrimento; solidão; sossego; subdesenvolvido; terra; tirar leite; trabalho; tranquilidade; trator; vacas; vento; verde; verduras; vida.
TOTAL: 84 palavras

Tendo em vista estas 84 palavras configurando o ‘universo de associação semântica’ do termo ‘rural’, separamos apenas as palavras que apresentam alguma conotação negativa ou conduzem a uma valorização positiva do termo ‘rural’; e excluimos aquelas que parecem neutras, em uma dimensão avaliativa.

Apresentando uma conotação negativa, destacamos:

³ Observamos, no entanto, que a tabulação e análise desta enquête não tiveram nenhuma pretensão estatística, em termos de delinear uma amostra significativa da população ou outros tratamentos matemáticos desta natureza. Nossa intenção foi apenas realizar uma *sondagem* a respeito da temática aqui desenvolvida; o que não diminui sobremaneira, em nosso ponto de vista, as contribuições possíveis à análise que estamos compreendendo.

⁴ A questão foi formulada da seguinte maneira: “Quando você pensa no meio rural, o que lhe vem à cabeça (escolha três palavras para descrever)”.

Quadro 2

Termos com conotação negativa associados ao termo ‘rural’

Abandono; chato; concentração de terras; conservadorismo; descaso; desconforto; desemprego; desestímulo; desinformação; desinteresse; dificuldades; distância; isolamento; longe; monotonia; mosquitos; necessidades; pobreza; sacrifício; sofrimento; solidão; subdesenvolvido; trabalho⁵.
TOTAL: 23 palavras

Em contrapartida, as seguintes expressões ou palavras relacionam ou conduzem a atributos positivos associados ao ‘rural’:

Quadro 3

Termos com conotação positiva associados ao termo ‘rural’

Alegria; alimentação saudável; amizade; ar puro; auto-suficiência; calma; colheita; descanso; divertimento; importância; lazer; liberdade; paz; potencialidades; privacidade; produção; qualidade de vida; renda; respeito; saúde; segurança; silêncio; sossego; tranquilidade; vida.
TOTAL: 25 palavras

As seguintes expressões foram evocadas três vezes, em grupos diferentes: lavoura, pobreza, desemprego, rios e açudes. Ao relacionar a frequência de emissão de respostas a cada um dos grupos abordados, considerando as palavras ou expressões mencionadas pelo menos duas vezes em um mesmo grupo, obtemos o perfil de respostas exposto na tabela 1.

No exame da tabela 1, ao somar as frequências (Fr.) associadas aos atributos considerados positivos e negativos, de acordo com o primeiro parâmetro de análise, encontramos o seguinte resultado: Fr. (conservadorismo + isolamento + trabalho) = 20 respostas e Fr. (alimentação saudável + amizade + ar puro + calma + descanso + liberdade + paz + saúde + segurança + silêncio + sossego + tranquilidade + vida) = 94 respostas.

Constatamos, então, neste passo da análise, que o termo ‘rural’ aparece com uma representação fortemente po-

sitivada entre os sujeitos de nossa amostra, independente do grupo específico. Também é interessante notar que em três grupos: Cilon Rosa, Centenário e Feira Agropecuária a soma de respostas positivas foi exatamente a mesma (21 respostas), sendo que no grupo da Terceira Idade esta soma chegou a 31 respostas, diferenciando-se, principalmente, pela ênfase exclusiva na alimentação saudável e na amizade, e pelo forte destaque atribuído ao ar puro e à saúde. Observamos que estes são fatores que constituem a chamada qualidade de vida, o que, segundo os argumentos expostos no início deste trabalho, representa uma das noções contemporâneas relacionadas ao resgate positivo do meio rural.

O atributo freqüentemente associado ao meio rural nas amostras analisadas foi ‘tranqüilidade’ (24 respostas). Este atributo está presente em todos os grupos, e nos remete, mais uma vez, ao contraste revalorizado do ambiente rural com a vida urbana. Pois, onde se enfatizava exclusivamente progressos e avanços civilizadores, hoje se ressaltam predominantemente os signos da tensão (violência, *stress* etc.). De cunho negativo, apenas dois atributos figuraram na tabela que indica as ocorrências principais: o ‘conservadorismo’, assinalado como atributo apenas pelo grupo visitante da Feira Agropecuária; e o ‘isolamento’, indicado pelo grupo escolar Centenário.

As demais palavras e expressões foram consideradas em nossa leitura como fatores descritivos e, entre elas, destaca-se a palavra ‘natureza’, que, assim como a palavra ‘tranqüilidade’, foi mencionada em todos os grupos, sendo a segunda palavra de maior frequência (19 respostas). O maior número de respostas descritivas foi apresentado pelo grupo do colégio Centenário (29 respostas), embora a maior frequência de menções da palavra ‘natureza’ tenha sido feita pelo grupo de visitantes da Feira Agropecuária. Aqui, mais uma vez a realidade local se encontra com a perspectiva global, uma vez que é no cenário da construção de uma imagem de consumo do espaço rural que a articulação rural-natureza se evidencia com toda a força, e no caso em análise, as Exposições ou Feiras Agropecuárias se inscrevem no circuito turístico, onde o ‘rural’ aparece como mercadoria na grande sociedade do espetáculo⁶. Podemos notar também que entre o grupo de idosos, em que proliferam as palavras de valoração positiva (rela-

⁵ A conotação negativa dada ao termo ‘trabalho’ se deve a que os entrevistados estão se referindo, às vezes literalmente, às características de ‘trabalho duro’ ou ‘muito trabalho’ que associam ao rural.

⁶ Sobre o rural como tema para a (re)construção de tradições, identidades e consumos, ver Froehlich (2002), especialmente capítulo V. Disponível em www.ufsm.br/desenvolvimentorural, Textos para discussão.

Tabela 1
 Frequência de termos associados ao rural em cada grupo pesquisado.

<i>Termos/Grupos</i>	<i>Cilon Rosa</i>	<i>Centenário</i>	<i>Terceira Idade</i>	<i>Feira Agropecuária</i>	<i>Fr. total</i>
Agricultura	03	02	—	—	05
Alimentação saudável	—	—	02	—	02
Amizade	—	—	03	—	03
Animais	—	07	—	03	10
Ar puro	04	—	08	02	14
Árvores	—	—	02	02	04
Calma	—	—	—	02	02
Campo	06	07	—	04	17
Cavalos	03	03	—	—	06
Conservadorismo	—	—	—	02	02
Descanso	06	—	—	—	06
Gado	—	03	—	—	03
Galinha	03	—	—	—	03
Importância	—	02	—	—	02
Isolamento	—	05	—	—	05
Liberdade	02	03	—	—	05
Mato	—	02	—	—	02
Natureza	02	02	05	10	19
Paz	02	04	—	—	06
Plantações	—	03	02	02	07
Saúde	—	02	05	03	10
Segurança	—	—	02	02	04
Silêncio	02	—	02	—	04
Sossego	—	—	03	04	07
Trabalho	—	02	04	07	13
Tranquilidade	05	10	03	06	24
Vacas	04	—	—	—	04
Verde	—	—	—	02	02
Vida	—	—	03	02	05

cionadas à qualidade de vida), as respostas descritivas são poucas. Neste grupo há incidência de apenas 9 respostas deste tipo: natureza (5 respostas), árvores (2 respostas) e plantações (2 respostas).

Uma outra observação merece ser feita a respeito dos dados exibidos na tabela 1. Nota-se que a palavra ‘liberdade’ só tem recorrência entre os grupos colegiais, não aparecendo nos outros dois segmentos⁷. Já a palavra ‘segurança’ tem o comportamento oposto, não se repetindo

entre os grupos de alunos do ensino médio, mas somente nos grupos da Terceira Idade e da Feira Agropecuária. Poderíamos inferir que tais palavras expressam mais do que meras associações com o termo ‘rural’, mas preocupações muito recorrentes nas faixas etárias próprias dos entrevistados: de um lado, os jovens e as suas preocupações com a ‘liberdade’; e de outro, os idosos e as suas preocupações com a ‘segurança’. No caso em foco, ambos parecem projetar estes anseios sobre o espaço rural, que

⁷ A palavra ‘paz’ também tem este mesmo percurso, aparecendo somente entre os alunos dos Colégios Cilon Rosa e Centenário. No entanto, há outros termos usados nos dois outros grupos que conformam uma certa sinonímia ou guardam conexão de sentido com ‘paz’, como ‘calma’, ‘tranquilidade’, ‘sossego’ etc., o que já não acontece com ‘liberdade’.

talvez configure, para muitos deles, um espaço mais idealizado do que vivido. O termo ‘rural’ estaria funcionando, então, como um espaço de alteridade em relação ao espaço urbano onde vivem, a partir da mera possibilidade de corresponder aos anseios que estão sentindo como carências objetivas ou subjetivas nos seus cotidianos.

A partir deste quadro geral de freqüência derivamos dois ‘blocos de associações semânticas’ relacionados ao termo ‘rural’. Blocos de associações semânticas ou ‘blocos associativos’ são conjuntos de termos ou palavras que guardam sentidos próximos, convergentes ou comuns entre si ou, ainda, alguma relação de abrangência de um termo com outro(s). Assim, derivamos do conjunto de respostas uma noção do ‘rural como refrigério’, que compõe o bloco 1, e uma noção do ‘rural como natureza’, compondo o bloco 2.

Bloco associativo 1: o termo ‘rural’ como refrigério

Fr. [tranqüilidade (24) + sossego (12) + paz (07) + descanso (07) + silêncio (05) + calma (04)] = 59 respostas

Bloco associativo 2: o termo ‘rural’ como natureza

Fr. [natureza (19) + campo (17) + ar puro (15) + animais (14) + árvores (04) + mato (03) + verde (03)] = 75 respostas

Embora isoladamente a expressão ‘natureza’ não tenha sido freqüentemente associada ao termo ‘rural’, o bloco associativo que compõe alcança, em conjunto, o maior número de menções. Consideramos que há uma forte inter-relação entre os blocos associativos, pois as associações e atributos do bloco 1 permitem estimar uma associação causal com as associações feitas no bloco 2. Ou seja, o termo rural pode ser visto como refrigério justamente porque é associado a uma natureza idealizada, tendo propriedades repousantes, saudáveis e acolhedoras. As tão desejadas amenidades rurais seriam um ‘produto’ destilado da natureza.

Na seqüência do levantamento realizado investigamos, junto aos mesmos entrevistados, sua disposição de mudar algo tão significativo em seus cotidianos ou estilos de vida até a ponto de aceitarem passar a residir, atualmente, no meio rural, valorizando este espaço para além de uma mera retórica ou do ‘consumo’ eventual. Formulamos, então, a pergunta: “Você moraria ou viveria no meio rural?”; seguida de um pedido de justificativa para as respostas, quer fossem afirmativas ou negativas.

Além da avaliação mais elementar de freqüência de respostas positivas e negativas (ver tabela 2), independente dos estratos pesquisados, na análise que segue introduzimos uma discussão a respeito de possíveis variações em função dos grupos respondentes de acordo com a faixa etária e o sexo dos entrevistados. Não pretendemos, no entanto, aprofundar as análises nestas variáveis, pois reconhecemos que elas nos conduziriam a campos mercedores, atualmente, de estudos mais cuidadosos, constituindo-se em especializações de pesquisa.

Nos dois grupos de estudantes a maior freqüência foi de respostas negativas, embora a diferença entre um grupo e outro não pareça significativa. Nos outros dois grupos, foram as respostas positivas as de maior freqüência e, ao contrário dos grupos colegiais, a diferença entre o público da Feira Agropecuária e o da Terceira Idade foi bastante expressiva. Outra maneira de visualizar as respostas que indicam uma maior resistência dos jovens urbanos à idéia de morar ou viver no meio rural, é dispor os resultados por faixa etária (ver tabela 3).

A distribuição das respostas associadas à variável gênero indica os resultados mostrados na tabela 4.

É notável que no grupo de mulheres a resposta negativa ocorre com maior freqüência (mesmo sendo uma diferença pouco significativa), enquanto que no grupo masculino a diferença é bastante acentuada a favor das

Tabela 2
 Freqüência de respostas positivas e negativas quanto à disposição para morar no meio rural, em cada grupo pesquisado.

Grupos	Cilon Rosa		Centenário		Terceira Idade		F.Agropecuária	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Até 25 anos	09	11	12	13	—	—	09	02
De 26 a 50 anos	—	01	—	—	—	—	07	01
Mais de 50 anos	—	—	—	—	16	11	03	03
Totais	09	12	12	13	16	11	19	06
Não responderam	04		—		—		—	

Tabela 3
 Frequência de respostas por faixa etária,
 quanto à disposição para morar no meio rural.

Faixa Etária	Até 25 anos		De 26 a 50 anos		Mais de 50 anos	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Respostas						
SIM	30	53,57	07	77,77	17	54,84
NÃO	26	46,43	02	22,23	14	45,16
TOTAIS	56	100	09	100	31	100

Tabela 4
 Frequência de respostas por gênero,
 quanto à disposição para morar no meio rural.

Sexo	Masculino		Feminino		Totais/resposta	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Respostas						
SIM	29	64,44	25	49,02	54	56,25
NÃO	16	35,55	26	50,98	42	43,75
TOTAIS/SEXO	45	100	51	100	96	100

respostas positivas. No cruzamento das variáveis de gênero e faixa etária, obtém-se o perfil de respostas conforme tabela 5.

Esta tabela revela uma tendência bem clara: as mulheres jovens são as principais responsáveis pelo maior número de respostas ‘não’ entre os jovens em geral e também pelo único estrato em que o ‘sim’ não obtém a maioria das respostas. Poderíamos especular sobre algumas das razões desta indisposição de jovens urbanos do sexo feminino para com a idéia de viver ou morar no meio rural, mas preferimos não fazer especulações a este respeito, para evitar leviandades acerca da temática de gênero, a qual constitui um campo de estudos e pesquisas próprio e dinâmico na atualidade. Ao invés

disto, selecionamos alguns dos argumentos mencionadas pelas entrevistadas a fim de justificar suas respostas.

Quadro 4
 Justificativas de jovens urbanos do sexo feminino
 para a indisposição em morar no meio rural.

- “Não gosto do silêncio do campo, a maioria das coisas são afastadas.”
- “Acho que eu ficaria muito triste, só, pois estou acostumada nessa correria da cidade e não me adaptaria no meio rural.”
- “Estou acostumada com a comodidade da cidade.”
- “Porque o meio rural é esquecido pelo governo, as escolas são precárias e o pequeno produtor rural, na maioria das vezes, vai à falência por falta de recursos e por falta de apoio.”
- “Prefiro lugares mais agitados.”
- “Pois na cidade há muito mais recursos dos quais já me acostumei, seria um pouco difícil eu me acostumar em um lugar que fosse bem diferente do que eu vivo, não gosto muito da vida rural, é muito monótona.”
- “Porque é isolado, não têm *shoppings* e boates.”
- “Porque eu teria de viver da colheita e isso nem sempre dá lucro.”
- “Pouca chance de eu me dar bem.”
- “Não conseguiria me adaptar, pois gosto muito de civilização e o contato entre várias pessoas.”
- “Porque não teria paciência para viver sem barulho e movimento.”

Com o intuito de fazer um contraponto entre as respostas dadas pelos entrevistados de ambos os sexos, analisaremos, a seguir, as principais argumentações dos jovens urbanos do sexo masculino, cuja maioria tenta justificar a sua disposição em residir no meio rural.

Tabela 5
 Frequência das respostas por gênero e faixa etária, quanto à disposição para morar no meio rural.

Sexo	Masculino				Feminino			
	SIM		NÃO		SIM		NÃO	
Até 25 anos	18	64,28%	10	35,71%	12	42,86%	16	57,14%
De 26 a 50 anos	04	80,00%	01	20,00%	03	75,00%	01	25,00%
Mais de 50 anos	07	58,33%	05	41,66%	10	52,63%	09	47,37%
Totais	29	64,44%	16	35,55%	25	49,02%	26	50,98%

Quadro 5
Justificativa de jovens urbanos do sexo masculino para a disposição em morar no meio rural.

— “A liberdade de ir e vir a qualquer lugar sem se preocupar com a violência que é constante no meio urbano.”
 — “Há menos poluição, violência, mais sossego, tranquilidade.”
 — “Porque a vida no campo é mais saudável, menos violência.”
 — “É mais calmo e menos estressante.”
 — “Gosto de plantar e colher e do tipo de vida que levam as pessoas do meio rural.”
 — “O meio rural proporciona uma maneira de se viver mais tranqüila e de contato com a natureza. Além de uma qualidade de vida muito boa.”
 — “Porque o estilo de vida que se leva no meio rural é mais saudável e as experiências que tive no meio urbano nem sempre foram agradáveis.”
 — “Porque impera a paz, a tranquilidade, muito verde, desde que possa algumas das comodidades do meio urbano, como: tv, rádio, telefone...”
 — “Pela melhor qualidade de vida que o campo proporciona, pela maior interação que existe entre os moradores, pela possibilidade de não ficar restrito a um ambiente fechado, pela ampla gama de atividades que podem ser desenvolvidas no campo (claro que, desde que, o campo ofereça as mesmas condições de conforto que a cidade, luz, fácil acesso etc.).”

Como podemos perceber, é notório que boa parte das justificativas destes jovens urbanos apresenta palavras e expressões que apareceram com freqüência no mapeamento de sentidos para o termo rural, tais como: tranquilidade, verde, natureza, qualidade de vida, saúde; e que, de resto, configuram tendências apontadas por alguns trabalhos que mencionamos anteriormente.

O confronto dos quadros 01 e 02 mostra que, para o conjunto dos jovens urbanos entrevistados, o processo de ressemantização do termo rural não é linear, pois se apresenta eivado de ambigüidades. Embora mais prolíficas, a formulação de imagens positivas sobre o meio rural também convive com a produção de imagens negativas. Vale ressaltar que as avaliações, quase inteiramente, positivadas no campo semântico, não correspondem atitudes favoráveis à vida no meio rural.

3. SENTIDOS E COMPLEXIDADE: ENTRE A NATUREZA BRUTA, A NATUREZA VIVIDA E A NATUREZA VISITADA

O termo rural aparece, em nossa pesquisa, associado à natureza e se apresenta num campo semântico que envolve tranquilidade, ar puro, sossego, descanso e outros refrigérios. Estas significações contrastam, acentuadamente, com os significados predominantes na primeira metade do século XX, quando a natureza era associada a perigos e receios.

Tanto nas perspectivas globais que formulam enunciados generalizantes, quanto nos dados que emergem de sondagens em âmbitos de localizações precisas, uma forte tensão se estabelece quando se trata de pensar a habitação no meio rural. Vimos, nas análises, que a predileção pela vida no campo ainda parece marcada por um ‘recoo civilizador’ que apenas as pessoas mais idosas estariam dispostas a realizar. É justamente no segmento que mostra uma dinâmica mais acentuada no jogo das transformações sociais contemporâneas que a perspectiva de residir no meio rural encontra resistência: as mulheres jovens. Alguns dos argumentos indicados pelas entrevistadas repetem aqueles que encontramos em pesquisas anteriores (Cruz Souza; Monteiro, 2000) feitas em Palência (Es) e no Rio de Janeiro (Br) com mulheres habitantes do meio rural. Estas pesquisas indicavam a precariedade das condições de atendimento à saúde e educação como principais fatores determinantes do seu desejo de migrar do meio rural para as cidades maiores.

Nos dados analisados, os visitantes da Feira Agropecuária indicavam respostas afirmativas no que diz respeito à possibilidade de viverem no meio rural. Entretanto, não podemos deixar de observar que eles estavam, no momento da pesquisa, envolvidos em uma atmosfera de ‘publicidade’. De qualquer modo, foi neste segmento que o meio rural apareceu, freqüentemente, associado à idéia de ‘trabalho’ com uma conotação negativa de ‘excesso de trabalho’ ou ‘trabalho pesado’. Em relação aos dois grupos de estudantes as respostas foram mais do tipo descritivas do que avaliativas.

A investigação transversal e longitudinal realizada e relatada, que nos permite identificar as representações sociais do ‘rural’, tem, por enquanto, um sentido heurístico. O estudo transversal prossegue, visando a ampliação do levantamento de dados de segmentos urbanos de outras localidades do Brasil, e o estudo das correlações entre estas representações e os projetos sociais que envolvem as populações rurais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANCLINI, N. *Consumidores e cidadãos. Conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: EDUF RJ, 1995. 237 p.
- CIMADEVILLA, G. Las transformaciones del mapa cultural. In: CIMADEVILLA, G. (comp.). *Comunicación, tecnología y desarrollo — discusiones y perspectivas desde el sur*. Rio Cuarto: Universidad Nacional de Rio Cuarto, 2002. 332p.
- CRUZ SOUZA, F.; FROEHLICH, J. M. & MONTEIRO, R. C. Configurações semânticas nas representações sociais do 'rural'. In: JORNADA INTERNACIONAL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS — Questões Metodológicas, 2001, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis: UFSC, 2001. 568 p.
- CRUZ SOUZA, F. & MONTEIRO, R. C. Estudio de la imagen del médio rural entre sus habitantes y posibles relaciones con los flujos migratorios. In: BENAL, A.; JIMÉNEZ, M. & ELIAS P. (Org.). *Aplicaciones en Psicología Social*. Madrid: Universidad de Valencia, 2000. 178 p.
- CUNHA, A. G. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 589 p.
- DE PAULA, S. *O campo na cidade: esportes country e ruralidade estetizada*. Tese (Doutorado em Sociologia) — IUPERJ, Rio de Janeiro. 1999.
- FROEHLICH, J. M. *Rural e Natureza: A construção social do rural contemporâneo na região central do Rio Grande do Sul*. 2002. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) — CPDA — UFRRJ, Rio de Janeiro. 2002.
- _____. A (re)construção de identidades e tradições: o rural como tema e cenário. In: VI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO AMERICANA DE SOCIOLOGIA RURAL — ALASRU, VI, 2002, Porto Alegre. *Anais*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 968 p.
- GRAZIANO DA SILVA, J *et alii*. O que há de realmente novo no rural brasileiro. In: *CADERNOS DE CIÊNCIA* & *TECNOLOGIA*. Brasília: EMPRAPA, v.19, n.1, jan/abr. 2002. p. 37-67.
- JOLLIVET, M. (Org.). *Vers un rural postindustriel*. Paris: L'Harmattan, 1997. 313 p.
- MORMONT, M. Le rural comme catégorie de lecture du social. In: JOLLIVET, M. & EIZNER, N. (Org.). *L'Europe et ses Campagnes*. Paris: Presses des Sciences Politiques, 1996. 324 p.
- MONTEIRO, R.C. *Ser(tão) sem fim — cartografias socio-ambientais entre o Alto Santana e o Remanso do Paraíba*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) — CPDA — UFRRJ, Rio de Janeiro. 2001.
- SÁ, C. P. *Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central*. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Psicologia, 1993. 255 p.
- SAINT-HILAIRE, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. São Paulo: Edusp, 1974. 270 p.
- SPINK, M. J. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 1999. 216 p.
- VEIGA, J. E. *Cidades Imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula*. Campinas: Autores Associados, 2002. 189 p.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS



GLOBALIZAÇÃO E AJUSTE ESTRUTURAL: *IMPACTOS SÓCIO-ECONÔMICOS*

Os artigos exploram uma gama de problemas relacionados às políticas de Ajuste Estrutural que têm evoluído pari passu com o processo de globalização da economia, com estas políticas pavimentando o caminho para uma ordem liberal mundial com a movimentação de capitais e mercadorias totalmente livre dos constrangimentos impostos pelo Estado.

Assim são tratadas nos artigos questões tais como o papel do Estado, a liberalização do complexo agro-alimentar, ideologia política e identidade social, liberalização e desempenho das exportações, estratégia de desenvolvimento local e racismo e globalização.

SUMÁRIO:

Introdução – Desenvolvimento no Século XXI: dos Estudos do Desenvolvimento ao Empoderamento da Sociedade Civil, *Pandeli Michel Glavanis*. • 1. Ajuste Estrutural: a “Privatização” do Desenvolvimento, *Pandeli Michel Glavanis*. • 2. Globalização, Liberalização e Regionalização do Setor Agroalimentar, *Paulo Ortiz Rocha de Aragão*. • 3. Neoliberalismo, Ideologia Política e Identidade Social:

o Caso dos Plantadores de Cana da Região Ocidental do México, *Kathy Powell*. • 4. Globalização, Estado e Estratégias de Desenvolvimento Local: Notas Exploratórias, *Francisco Barreto*. • 5. Racismo e Globalização: da Escravidão ao Século XXI, *Louis Kushnick*. • 6. Reproduzindo a Desigualdade: Mulheres, População e os Impactos do Ajuste Estrutural, *Navtej K. Purewal*. • 7. Abertura Comercial Brasileira: o Comportamento das Importações no Período 1990-96, *Luiz Kehrle e Márcia B. da Fonseca*. • 8. Impactos da Política Fundiária sobre o Espaço Urbano na Zona da Mata Paraibana: as Mudanças na Dinâmica do Comércio e das Feiras Livres, *Emília de Rodat F. Moreira, Ivan Targino e Marilda Aparecida de Menezes*.

A FÁBRICA DOS SONHOS: *A INVENÇÃO DA FESTA JUNINA NO ESPAÇO URBANO*

Analisa a instituição da festa junina de Campina Grande, conhecida com o hiperbólico título de *O Maior São João do Mundo*.

Neste Livro, Elizabeth Christina investiga as práticas e os discursos que tornaram possível a existência dessa festa no espaço urbano e que construíram imagens de um povo e de uma cidade mediadas por um processo de reinvenção, apropriação e conservação da “tradição junina” em um novo espaço e em uma nova temporalidade.

A idéia de “festa da tradição”, unida à construção do povo como “forrozeiro nato” e de Campina Grande como o lugar privilegiado do evento junino, permite a invenção da festa do *Maior São João do mundo* como um acontecimento que promove, entre outras coisas, a recriação das figuras do cidadão e da cidade como cartão postal.

Não encontrando em sua livraria, solicite seu exemplar pelo e-mail:

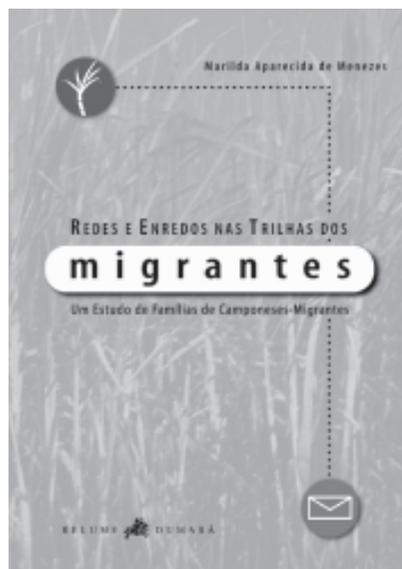
ecalima@terra.com.br, ou através da página:

<http://www.afabricadossinhos.hpg.ig.com.br>



AGRICULTURA FAMILIAR. MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

Esta coletânea de ensaios e resultados de pesquisas de professores e alunos do Curso de Pós-Graduação em Sociologia (programa conjunto da Universidade Federal de Campina Grande e Universidade Federal da Paraíba), linha de pesquisa em Sociologia Rural e do Desenvolvimento, trata de dois grandes temas: de um lado a relação entre meio ambiente e desenvolvimento, do outro o desafio da sustentabilidade para a agricultura familiar, inclusive nos assentamentos.



REDES E ENREDOS NAS TRILHAS DOS MIGRANTES: *UM ESTUDO DE FAMÍLIAS DE CAMPONESES-MIGRANTES*

Ao tratar das várias faces dos atores sociais envolvidos nas migrações dos indivíduos e das famílias camponesas, a autora não apenas dialoga com os pesquisadores que estudaram situação semelhante no Brasil, na África do Sul, na Índia, como também inova em aspectos pouco estudados, tais como a constituição das redes sociais no espaço dos alojamentos de trabalhadores e as práticas cotidianas de resistência nas relações de trabalho na *plantation* açucareira.

A PARAÍBA NO IMPÉRIO E NA REPÚBLICA. *ESTUDOS DE HISTÓRIA SOCIAL E CULTURAL*

“O valor desta coletânea é indiscutível. É preciso que circule e tenha ampla divulgação. Os historiadores firmaram suas contribuições e suas lições de pesquisadores com argúcia e textos construídos com clareza em torno de temáticas diversas, como doença, escravidão, modernidade, diversão e cidade. Cabe ao leitor se deliciar com seu conteúdo e construir com suas interpretações outras singularidades, para que as histórias ganhem dimensões inusitadas. Aliás, o contar e o viver a história não é privilégio de quem tem, apenas, o reconhecimento acadêmico”. (Extraído da Apresentação do Prof. Antonio Paulo Rezende)

